



# Mídia e territorialidades

Eugenia Barichello

**Resumo:** O desenvolvimento da comunicação midiática tem transformado a constituição espacial e temporal da vida social criando novas formas de ação e interação. O fenômeno atinge os mais variados aspectos que incluem desde a experiência pessoal e a percepção do mundo, as formas de exercício de poder e de visibilidade, até a própria conformação do espaço público contemporâneo. Neste ensaio, utilizo o conceito de comunidade, em uma posição de âncora, para analisar as transformações espaço-temporais e sociais provocadas pela comunicação midiática na atualidade.

**Palavras-chave:** Comunicação midiática - Territorialidades - Comunidades - Sociabilidades

**Abstract:** The development of mediatical communication has transformed the spacial and temporal constitution of social life by creating new ways of action and interaction. This phenomena reaches the most varied aspects which go from the personal experience, one's perception of the world, the ways of applying power and visibility, to the very conformation of the contemporary public space. In this essay, I apply the concept of community as a support in order to analyse the space-temporal and social changes provoked by the current mediatical communication.

**Key words:** Mediatical communication - Territorialities - Communities - Sociabilities

**Resumen:** El desarrollo de la comunicación de los media tiene cambiado la constitución espacial y temporal de la vida social creando nuevas formas de acción y interacción. El fenómeno atinge los más variados aspectos que incluyen desde la experiencia personal y la percepción del mundo, las formas del ejercicio de poder y de visibilidad, hasta la propia conformación del espacio público contemporaneo. Em este ensayo, he utilizado el concepto de comunidad en una posición de ancla para analizar las transformaciones espacio-temporales y sociales provocadas por la comunicación de los media en la actualidad.

**Palabras clave:** Comunicación mediática - Territorialidades - Comunidades - Sociabilidades

---

Eugenia Barichello é professora do Mestrado de Comunicação da UFSM e doutora em Comunicação pela ECO-UFRJ. e-mail: eugeniabarichello@gmail.com

## Introdução<sup>1</sup>

<sup>1</sup> A primeira versão deste texto foi apresentada ao Grupo de Trabalho "Comunicação e Sociabilidades", do XV Encontro da Compós, na Unesp, Bauru, SP, em junho de 2006.

<sup>2</sup>TÖNNIES, Ferdinand. *Comunidad y asociación. El comunismo y el socialismo como formas de vida social*. Barcelona: Península, 1979.

ANDERSON, Benedict. *Imagined Communities. Reflexions on the origin and Spread of Nationalism*. London: Verso Editions and NLB, 1986.

COHEN, Anthony. *The Symbolic Construction of Community*. London: Elis Harwood, 1985.

CALHOUN, Craig. Computer technology, large-scale social integration, and the local community, *Urban Affairs Quarterly*, n.2.v.22.p.329-349. December, 1986

\_\_\_\_\_. Community: toward a variable concept for a comparative research, *Social History*, v.5,.n.1, p.105-129, 1988.

\_\_\_\_\_. Indirect relationships and imagined communities: large-scale social integration and the transformation of everyday life. In: BOURDIEU, Pierre; COLEMAN, James (org). *Social Theory for a Changing Society*. Boulder: Westview Press, 1991.

\_\_\_\_\_. Community without propinquity revisited: communications technology and the transformation of the urban public sphere, *Sociological Inquiry*, v. 68. n. 3, p. 373-397, August, 1998.

WELMANN, Barry. The Community Question: The Intimate Networks of East Yorkers, *American Journal of Sociology*, V. 84, n.5, p. 1201-1229, 1979

\_\_\_\_\_. Physical Place and Cyber Place: The Rise of Networked Individualism,

Este ensaio recorta e destaca o estudo dos processos midiáticos e suas imbricações com a transformação da constituição temporal e espacial da vida social. O eixo de análise é o conceito de comunidade e dois de seus componentes: território e pertencimento. Procuo responder a algumas indagações e/ou suscitar outros questionamentos e, sobretudo, entender a questão da ação das tecnologias de comunicação na estruturação da sociedade e no estabelecimento de vínculos sociais, em um dado espaço, por meio de uma breve genealogia do conceito de comunidade, cotejando conceitos formulados ou ressignificados por Ferdinand Tönnies, Benedict Anderson, Anthony Coehn, Barry Wellman, Craig Calhoun e Raquel Paiva.<sup>2</sup>

Comunidade é um conceito amplo que abrange várias áreas do conhecimento e que, sob o ponto de vista sociológico e político, ficou constrangido entre o Estado e a sociedade durante uma boa parte do último século. Porém, nas duas últimas décadas do século vinte, o conceito de comunidade foi sendo retomado, reinterpretado ou até recriado. Digo retomado quando me refiro às ilações de cunho nostálgico à comunidade orgânica, tratada muitas vezes como um elo perdido; reinterpretado quando me refiro ao conceito de comunidade olhado sob novas óticas e demandas, tanto empíricas quanto teóricas, mas que observam certa relação com o seu sentido originário; e recriado quando, por vezes, é utilizado sem observar a sua essência, sem um vínculo substancial com a evolução de sua conceituação. Essa última ação é observada em boa parte da literatura sobre comunidades virtuais, especialmente as interpretações menos críticas ou menos aprofundadas as quais comparam, muitas vezes, o fenômeno do estabelecimento de laços sociais por intermédio dos suportes comunicacionais digitais com o conceito de comunidade orgânica descrito pelo filósofo alemão Ferdinand Tönnies, assunto que retomo logo a seguir.

Fato inegável é que a discussão em torno da

*International Journal of Urban and Regional Research*, n. 25, v.2, p.227-52, 2001  
WELLMAN, Barry et al. Y-a-t-il du territoire dans le cyberspace? Usages et usagers des lieux d'accès publics à Internet. Is there a Place in Cyberspace: The Uses and Users of Public Internet Terminals, *Géographie et Cultures*, n. 46, p. 5-20, 2003.  
PAIVA, Raquel. *O espírito comum*. Petrópolis: Vozes, 1998

<sup>3</sup> SODRÉ, Muniz. O terreiro e a Cidade. A forma social negro-brasileira. Petrópolis: Vozes, 1988,

\_\_\_\_\_. *Antropológica do Espelho. Por uma teoria da comunicação linear e em rede*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

ORTIZ, Renato. *Um outro território*. São Paulo: Olho d'Água, 1999.

THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1998.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

<sup>4</sup> DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

sociabilidade e/ou da socialidade proporcionada pelos meios de comunicação digitais fez com que o conceito de comunidade fosse sacudido, interpelado por diversos autores, espremido e solicitado a responder à questão: ainda dá conta do significado para o qual foste criado?

A proposta também tangencia a relação entre a mídia e a virtualização (desubstancialização?) da experiência cotidiana. Com esse intento percorro as idéias expressas por alguns autores que tratam da ação da comunicação midiática na estruturação da sociedade, especialmente levando em consideração a questão do espaço no qual ocorrem as trocas simbólicas que estruturam a ação e a representação (Muniz Sodré, Renato Ortiz, J. B. Thompson e Manuel Castells).<sup>3</sup>

Quando falamos em desterritorialização queremos nos referir a um esvaziamento do espaço? Que espaço? E os conceitos de territorialização e reterritorialização respondem quais problemas e como se relacionam com o conceito de comunidade? Para responder vamos começar pelas seguintes questões: o que é um conceito? para o que serve? como se articula a outros conceitos?

### Articulando os conceitos

Antes de continuar, chamo dois autores para pensar a questão do conceito e do ato de conceituar, eixos motores do pensamento dito científico. No texto *O que é a Filosofia?* Gilles Deleuze e Felix Guattari<sup>4</sup> identificam três idades do conceito: a enciclopédia, a pedagogia e a formação profissional e defendem a segunda. Segundo eles, a filosofia é a arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos que, por sua vez, necessitam de personagens conceituais que contribuam para a sua definição. Os conceitos são e permanecem assinados: substância de Aristóteles, cogito de Descartes, mônada de Leibniz.

Afinal, como se forma um conceito? Para Deleuze e Guattari não há um conceito simples. Os conceitos são formados por componentes e se definem por eles. Todo o conceito é pelo menos duplo ou triplo, mas não possui todos os componentes, senão seria o caos. O con-

ceito é uma questão de articulação, corte e superposição. Todo o conceito remete a um problema, sem a existência do qual não teria sentido, e esse problema só pode ser compreendido através da utilização desse conceito. O conceito é pedagógico na medida em que é criado em função de problemas que estão mal colocados. Todo o conceito tem uma história, opera um corte e deve ser reativado ou recortado.

Um conceito não abarca apenas um problema por meio do qual remaneja ou substitui conceitos precedentes, mas uma encruzilhada de problemas, através dos quais se alia aos outros conceitos pré-existentes. Em primeiro lugar, cada conceito remete a outros conceitos não somente em sua história, mas também em seu devir e suas conexões presentes. Em segundo lugar, é próprio do conceito tornar seus componentes inseparáveis nele: distintos, heterogêneos, mas não separáveis. Em terceiro lugar, cada conceito é um ponto de coincidência, de condensação de seus próprios componentes. O conceito é um incorporeal, embora se encarne ou se efetue nos corpos. É como um centro de vibrações, cada um em si mesmo e uns em relação aos outros.<sup>5</sup>

Por essa ótica, podemos ver, por exemplo, a especificidade do conceito de comunidade, que contém em si os conceitos de território, pertencimento e destino comum.

No presente texto, a partir do pressuposto de que a mídia se envolve ativamente na construção do mundo social, utilizo prerrogativas de John B. Thompson para entender essas transformações, tendo como eixo o conceito de comunidade e seus componentes; as considerações de Paiva, Calhoun, Cohen, Silverstone e Wellman são usadas para discutir o conceito de comunidade e suas possíveis configurações na atualidade; e os textos de Muniz Sodré e Ortiz, para analisar as questões relativas aos conceitos de territorialidade, experiência e pertencimento.

### **Comunidades tradicional, imaginada e virtual**

Diante das transformações espaço-temporais

<sup>5</sup> PAIVA, Raquel . O espírito comum. Petrópolis: Vozes, 1998. P. 77-81.

proporcionadas pelas tecnologias de informação e comunicação, ressurge, com muita força, o conceito de comunidade baseado, especialmente, em uma de suas características que considero essencial: o pertencimento. O pressuposto é, à primeira vista, muito simples: o sentimento de pertencer a um grupo pode prescindir de bases espaciais.

Proponho aqui o estudo da comunidade como uma categoria compreensiva e como eixo articulador das relações entre mídia, territorialidades e sociabilidades.

O conceito de comunidade foi colocado novamente na agenda dos pesquisadores pela capacidade da mídia de criar novas estruturas sociais: no sentido político (ciberdemocracia), econômico (comércio eletrônico); cultural (especialmente com relação à visibilidade de minorias) e sociológico (através das múltiplas possibilidades de estabelecimento de laços sociais proporcionadas).

Para conceituar comunidade utilizo as idéias de Raquel Paiva expostas no livro *O espírito comum. Comunidade, Mídia e Globalismo*, no qual ela se propõe a reinterpretar o conceito de comunidade e trata da reconstrução do espírito comunitário como exigência do próprio processo de globalização. Também utilizo conceitos de comunidade formulados por Anthony Cohen, Craig Calhoun, Roger Silverstone<sup>6</sup> e Barry Wellman.

Quais as conformações possíveis das comunidades diante da reorganização da sociedade provocada especialmente pelas novas tecnologias de comunicação constituídas em forma de rede?

Para começar a pensar essas questões, considero importante abordar dois aspectos fundamentais do conceito de comunidade: “território” e “pertencimento”, visando utilizá-los e reinterpretá-los para entender as possibilidades atuais de configurações comunitárias.

Ferdinand Tönnies estabeleceu a diferença entre sociedade e comunidade, afirmando que se na primeira prevalece a vontade individual, sendo seus membros fortemente individualizados, na segunda predomina a vontade comum e o interesse coletivo.

<sup>6</sup> SILVERSTONE, Roger. New Media and Community. In: *Congresso Brasileiro de Estudos Interdisciplinares em Comunicação*. 21. Rio de Janeiro: INTERCOM/Universidade Gama Filho, 1999.

A revisão do conceito de comunidade feita por Paiva refere-se à pertinência do mesmo na atual estrutura global, já que o sentimento de pertença gera o sentimento de um destino comum e destino comum, comunhão e pertencimento são forças que atuam com o propósito de coesão na estrutura comunitária. Referindo-se às leituras possíveis de comunidade, destaca uma alteração fundamental da questão comunitária em relação à questão da territorialidade. Para ela, a atualização do conceito de comunidade em relação à espacialidade só é pertinente se redimensionada sua influência, uma vez que, para se vislumbrar comunidades na sociedade atual, faz-se necessário compreender a espacialidade dentro do horizonte das inovações e, para tanto, convém considerar a superfície topológica determinada pelos meios de comunicação. A mobilidade contemporânea provoca uma revisão da importância espacial, sendo que, “atualmente os indivíduos referem-se a grupos de setor, identificam-se com as comunidades simbólicas e pertencem a sistemas não espaciais”<sup>7</sup>.

<sup>7</sup> Sobre esse aspecto, ver Benedict ANDERSON. *Imagined Communities*. Londres: Verso Editions and NLB, 1986, onde ele propõe que a nação é uma comunidade política imaginada.

O termo comunidade tem sido muito discutido, pois remete à questão de como são definidas as novas formas de sociabilidade que dão sustentação e proporcionam a nossa convivência hoje. A comunidade faz a mediação e é mediada, por sua vez, pelo material e o simbólico, o experimentado, o vivido e o imaginado, o local e o global.

A comunidade está sendo, atualmente, reinterpretada sob a ótica da atuação das novas tecnologias como fonte de novas formas de sociabilidade. Em inúmeros trabalhos, tenta-se propor uma relação entre a interação direta entre as pessoas e a formação de uma comunidade no sentido tradicional do termo; a mediação pelos meios de comunicação de massa e interativos e a possibilidade de existência de novas configurações do fenômeno comunitário.

Acredito ser instigante partir do conceito de comunidade para entender as novas formas de sociabilidade e, também, tomar a comunidade para estudá-la

como o substrato onde se dão essas transformações.

Se formos designar como comunidade tradicional ou comunidade orgânica a comunidade considerada como “vívida” e localizada em um lugar e em um determinado tempo, é essa a comunidade que gera nostalgia.

O desenvolvimento dos meios de comunicação de massa e, posteriormente, das novas tecnologias que permitem a comunicação através de redes de computadores proporcionaram a formulação de duas outras concepções de comunidade: as “comunidades imaginadas” e as “comunidades virtuais”<sup>8</sup>.

Segundo Roger Silverstone, a comunidade real - que aqui chamamos de “tradicional” - consiste numa certa concentração de relações sociais determinadas pela convivência num local. Enquanto, uma certa persistência de práticas relacionadas à mediação pelos meios de comunicação de massa e sua distribuição de informações, constituiriam a base de uma comunidade “imaginada”. Por fim, o contato repetido e sustentado por redes eletrônicas seria a base da comunidade virtual.

Conforme Benedict Anderson, as “comunidades imaginadas” são produtos da era da imprensa e têm como um dos seus pontos de desenvolvimento a tradução da Bíblia para diferentes idiomas. Além disso, a idéia de simultaneidade causada pela imprensa seria um dos pilares formadores do nacionalismo. Explicando o conceito de comunidade imaginada, Anderson propõe que todas as comunidades maiores que as primitivas aldeias de contato face a face são imaginadas. O autor explica, ainda, o limite de uma comunidade imaginada: no caso do seu estudo, a nação, que pode abarcar até um bilhão de seres humanos, tem fronteiras finitas, ainda que elásticas, para além das quais se encontram outras nações. Além disso, a nação é imaginada como comunidade porque, segundo ele, não são consideradas a desigualdade e a diversidade existentes nela, pois é sempre concebida como um companheirismo profundo e horizontal.

Já as “comunidades virtuais” seriam produto da

<sup>8</sup> O termo comunidade virtual parece ter sido utilizado pela primeira vez por RHEINGOLD, Howard. *The Virtual Community*. London: Seeker and Warburg, 1994.

“sociedade em rede”<sup>8</sup> e, mais especificamente, da interatividade proporcionada pela Internet. A possibilidade de desenvolver comunidades virtuais foi proporcionada pela interatividade do sistema reticular e tem sua origem nas trocas realizadas por pesquisadores de diferentes universidades americanas que faziam parte do projeto inicial que deu origem à atual Internet. Assim, a noção de comunidade estaria na essência das relações estabelecidas pela rede desde a sua concepção.

A abordagem mercadológica das comunidades virtuais costuma classificá-las quanto ao uso que os indivíduos fazem dela. Arthur Armstrong<sup>9</sup> e John Hagel III classificam em quatro as necessidades dos consumidores em relação ao uso das comunidades virtuais: a) comunidades de transação – não são comunidades no sentido social do termo, pois os participantes interagem com a finalidade específica de efetuar uma transação de compra ou venda que pode ser otimizada pelas informações dos outros membros. b) comunidades de interesse – envolvem um grau mais alto de comunicação interpessoal do que as comunidades de transação; c) comunidades de fantasia – onde as pessoas criam novos ambientes, personalidades e histórias. A identidade real dos participantes não interessa; d) comunidades de relacionamento – o valor principal dessas comunidades é dar às pessoas a chance de estarem juntas e relatarem as suas experiências pessoais.

Porém, a conceituação de comunidade virtual tem se complexificado e sua importância cresce dia a dia. O professor da Universidade de Toronto, Barry Wellman, a conceitua como “*networks of interpersonal ties that provide sociability, support, information, a sense of belonging, and social identity. I do not limit my thinking about community to neighbourhoods and villages. This is good advice for any epoch and especially pertinent for the twenty-first century*”.<sup>10</sup> Ele estuda, além das comunidades virtuais, os locais de trabalho virtuais, os suportes sociais das comunidades e a teoria das redes de relacionamento em geral.

<sup>9</sup> ARMSTRONG, Arthur & HAGELL III, John. *The real value of on-line communities*. Harvard Business Review. p.134-141. May-june, 1996.

<sup>10</sup> Cf. CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede* (1999, p. 2), “a sociedade em rede é produto de uma revolução tecnológica centrada nas tecnologias da comunicação, que está remodelando a base material da sociedade em ritmo acelerado”.



No mesmo sentido de um aprofundamento e atualização do conceito de comunidade, o sociólogo norte-americano Craig Calhoun (1986, 1991) investiga a comunidade como categoria sociológica e estuda as implicações das interações mediadas pelo computador na mesma. Segundo ele, a vida comunitária pode ser entendida como a vida de pessoas que vivem uma densa, múltipla e relativamente autônoma rede de relações sociais. A comunidade, entendida dessa forma, não é apenas um lugar ou uma pequena escala de população agregada, mas um modo de relacionamento de extensões variáveis. Calhoun chama a atenção para a importância dos mecanismos sociais e políticos que unem as comunidades, às custas de dimensões simbólicas de significação.

Manuel Castells (1999) também se refere à multimídia como ambiente simbólico. Segundo ele, a característica mais importante da multimídia talvez seja a maneira com que capta a maioria das expressões culturais em toda a sua diversidade, em um supertexto gigantesco, construindo um novo ambiente simbólico.

Essas comunidades – vivida, imaginada e virtual – podem existir simultaneamente num mesmo território. Essa *coexistenciabilidade* - entendida como a habilidade de coexistir ou as formas de existir simultâneas das comunidades - deriva de expressões e mediações particulares que definem o modelo de comunicação dominante na sociedade. As novas interações possibilitadas pelas novas mídias e as formas de sociabilidade que emergem movimentam o conceito de comunidade.

Na visão de Craig Calhoun, comunidade seria uma rede de relações com as seguintes características: densidade, multiplicidade e autonomia. Densidade significando a possibilidade de relações entre as partes (*links* entre as redes); multiplicidade significando a extensão com que cada indivíduo pode se ligar e autonomia, a possibilidade de cada indivíduo ou grupo formar suas identidades.

O antropólogo britânico Anthony Cohen tem um outro ponto de vista: a comunidade é uma formação

simbólica constituída a partir do investimento que seus membros nela fazem e da coerência que o grupo gera através dos significados distribuídos a todos que a ela pertencem. Os significados podem ser partilhados de forma imediata ou não mediatizada, constituindo-se de relações face a face que contemplem a pessoa integral. Ou, também, de uma forma mediatizada, através de tecnologias de comunicação, quando o resultado das relações faz variar o conceito tradicional de comunidade.

A comunidade irá proporcionar, na sua vivência, a atualização da identidade coletiva por intermédio da articulação das diferenças ou da promoção de sua definição em relação às diferenças das outras comunidades. Dessa forma, firmará o que, para Cohen, é o grande trunfo da comunidade: conter uma variedade (de desempenhos e ideais) de forma a que sua inerente discordância não suplante a aparente coerência que é expressa em suas fronteiras.

<sup>11</sup> WELLMAN, Barry et al. Y-a-t-il du territoire dans le cyberspace? *Usages et usagers des lieux d'accès publics à Intern et. Géographie et Cultures*, n. 46, p. 5-20, 2003.

### **Territorialidade e pertencimento**

Muniz Sodré conceitua “território” como o lugar marcado de um jogo que se entende, em sentido amplo, como a protoforma de qualquer cultura: sistemas de regras de movimentação humana e de um grupo, horizonte de relacionamento com o real. Ainda, segundo ele, “territorialização” é a força de apropriação exclusiva de um espaço e resulta de um ordenamento simbólico, sendo capaz de engendrar regimes de relacionamento, relações de proximidade e distância.<sup>11</sup>

Renato Ortiz defende uma continuidade do vínculo entre o fenômeno social e o meio espacial, embora ressalte que estamos longe do determinismo geográfico, da chamada morfologia social de Durkheim, que permitia a fixação no espaço através da representação cartográfica, figurar cada fato em sua escala e lugar e a partir daí tecer generalizações. Foi por essa ótica que Marcel Mauss escreveu seu ensaio sobre as variações sazonais das sociedades esquimós aplicando princípios durkheimianos e demonstrando que a civilização esquimó era marcada por

sua territorialidade. Os estudos etnográficos de Malinowsky também seguem esse viés. A cartografia é utilizada para uma primeira aproximação.

De uma forma explícita ou implícita, as análises em Ciências Sociais possuem um entendimento do que é espaço que, no caso da Ciência Política e da Sociologia, é o território nacional. Ortiz adverte que o advento das tecnologias de automação e telecomunicação torna obsoletas idéias como unidade geográfica elementar.

Em muitas discussões sobre o fenômeno da des-territorialização, a noção de espaço é colocada em xeque. Viveríamos uma espécie de falimento geral: do estado nação, das instituições, do trabalho, da história, da modernidade. As posições se polarizam entre permanência e fim, antes e depois, modernidade e pós-modernidade, afastando-nos da compreensão do fenômeno.

Espaço e tempo são categorias que antecedem as ideologias e concepções de mundo, variando com as sociedades às quais correspondem. Nesse sentido falar em espaço vazio seria um contrasenso. Então, se as mudanças recentes da sociedade consolidam um padrão civilizatório particular, a questão é indagar qual o tipo de espacialidade que lhe é específico.

Quando nos referimos ao local, imaginamos um espaço restrito, bem delimitado, no interior do qual se desenrola a vida de um grupo ou de um conjunto de pessoas. Ele se confunde com o que nos circunda, com o que está próximo, com o que nos é familiar. É muitas vezes representado pela metáfora da raiz, referindo uma relação social colada à experiência cotidiana. Local e cotidiano surgem como termos intercambiáveis e equivalentes. Local participa ainda de uma outra qualidade: a diversidade. Na verdade, ele se opõe ao global e ao nacional apenas como abstração. Para Ortiz, cada lugar é uma entidade particular, uma descontinuidade espacial. Local e localismo se fecham no interior de seus próprios horizontes, daí a heterogeneidade de seus aspectos. Assim, o desenraizamento é visto como uma perda, um perigo, uma ameaça.

## O sentimento de pertença fora dos limites territoriais

Pretendo, aqui, pensar as transformações provocadas pelas novas tecnologias de comunicação no sentimento de pertença. Com isso, procuro entender se é possível desenraizá-lo de uma comunidade orgânica, ou seja, pensar na possibilidade de constituição de novas formas de comunidade - as quais parecem prescindir do requisito espacialidade - e no tipo de vínculo social que tais comunidades mediadas poderiam proporcionar.

As transformações sociais dependem de mudanças na tecnologia de infra-estrutura, especialmente das tecnologias comunicacionais. As formas mediadas de comunicação proporcionam, também, novas formas de relacionamento e levam a alterações estruturais de organização. Diante desse contexto, o que nos interessa são as mudanças que estão ocorrendo na tipologia e nas estruturas das relações sociais, as quais derivam da mediação proporcionada pela utilização dessas tecnologias e pelo descolamento da experiência do indivíduo de seu sentido de pertencimento a uma comunidade imediata.

Craig Calhoun (1988, 1991, 1998) propõe uma estrutura conceitual para estudar as variações e a extensão das interações sociais proporcionadas pelos novos meios de comunicação. O autor tipifica as interações sociais em diretas e indiretas e tece considerações a respeito do impacto social das novas tecnologias. Além disso, identifica a possibilidade de revitalização da comunidade local e sugere que muitas das conseqüências sociais da informatização dependem da forma como o uso dos sistemas de comunicação afeta a vida comunitária.

Segundo Calhoun, as novas tecnologias de comunicação afetam a integração social primária, alterando o equilíbrio das relações que se efetuam diretamente entre as pessoas e daquelas que ocorrem através de mediação.

Podemos considerar as relações imediatas como geradoras de um sentimento de pertença a uma comunidade orgânica ou vivida e, também, levar em conta que

os meios de comunicação tornam possível a emergência de novas formas de sociabilidade e novas maneiras de pertencer a uma comunidade. Nesse sentido, minha reflexão vai ao encontro do pressuposto de que as mídias são agora centrais para a experiência, ou seja, que a fronteira entre a experiência mediada e a não mediada é inteiramente porosa e que as mídias tomam parte ativa da vida cotidiana, pois vivemos em um ambiente no qual os estímulos simbólicos, em sua maioria, provêm dos meios de comunicação.

### **O local como fator de reterritorialização**

A localização pode ser considerada sob o ponto de vista da territorialidade, entendendo o território como o horizonte de relacionamento de uma determinada cultura com o real. Porém, o estudo da territorialidade precisa, atualmente, levar em consideração os patamares de territorialização, desterritorialização e reterritorialização proporcionados pelos modelos de comunicação tradicionais, modernos e reticulares.

A análise da territorialidade precisa colocar a questão territorial sob um novo ângulo de visão, considerando as formas possíveis de interação e sociabilidade advindas dos modelos de comunicação, especialmente os derivados de tecnologias reticulares. Eles levam à desterritorialização das práticas comunicacionais, mas também possibilitam a reterritorialização, entendida aqui como o fenômeno que devolve ao indivíduo e suas instituições a capacidade de reconhecer-se frente aos outros, a possibilidade de intervir em sua realidade e construir um projeto individual e/ou coletivo de identidade frente à realidade global.

As tecnologias de comunicação reticulares alteram o equilíbrio das relações geradoras do sentimento de pertença, ocorrendo a emergência de novas formas de sociabilidade e novas maneiras de pertencer. O conceito de comunidade pode ser utilizado como uma categoria central, um local privilegiado para entender as novas for-

mas de sociabilidade, já que é o substrato onde ocorrem muitas das transformações. Pode-se dizer que a comunidade orgânica possui suas práticas determinadas pelo local; na comunidade imaginada elas são determinadas pelos MCM; e na comunidade virtual o contato é sustentado por redes digitais.

Atualmente, a vida comunitária pode ser entendida como uma densa, múltipla e relativamente autônoma rede de relações sociais e a comunidade compreendida como um modo de relacionamento com extensões variáveis

Existe uma coexistenciabilidade, ou seja, uma habilidade de coexistir, ou formas de existir simultâneas das comunidades.

Pode-se concluir que as novas interações e formas de sociabilidades possíveis movimentam o conceito de comunidade. Existe uma aceleração das possibilidades de existir, habitar, viver a comunidade que provocam descolamento da comunidade orgânica e uma sensação de crise ou efetiva vivência da transformação.

Uma possibilidade viável é o entendimento da comunidade como categoria performativa, reconhecida pelo seu desempenho na vida cotidiana e sua representação. Os atos performativos são formas estabelecidas de rituais, que não apenas desempenham a ação como lhe conferem um poder fundador. Os rituais cultivam um senso de pertencimento e pode-se supor que a manutenção do sentimento de pertença aos novos tipos de comunidades também incluem o desempenho de rituais. Os rituais proporcionam o reconhecimento da comunidade como espaço de ação legítimo e atualizam o sentimento de pertença de seus membros.